

Infantilezas, infâncias e formação de professores na pandemia

Childhoods, childhoods and teacher training in the pandemic

DOI:10.34117/bjdv8n3-181

Recebimento dos originais: 14/02/2022

Aceitação para publicação: 14/03/2022

Juliana F. Serraglio Pasini

Doutora em Educação

Instituição: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Endereço: Rua Alexandre Kozevitch, 25, Vila Yolanda, CEP: 85853040

Foz do Iguaçu - PR

E-mail: jfserraglio@gmail.com

Flaviana Demenech

Doutora em Educação

Instituição: Faculdade de Educação da UFPel - Assessoria de Recursos Humanos em

Rondonópolis- SEDUC/MT-DRE

Endereço: Rua Afonso Pena, 433, apart. 1104, Centro, CEP: 78700-070

Rondonópolis - Mato Grosso - MT

E-mail: flavianademenech@gmail.com

Flavia Anastacio de Paula

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Endereço: Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Lot. Universitario das Americas

CEP: 85870-650 - Foz do Iguaçu - PR

E-mail: flaviaanastaciopaula@gmail.com

Maria Cecilia Braz Ribeiro de Souza

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Endereço: Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Lot. Universitario das Americas

CEP: 85870-650 - Foz do Iguaçu - PR

E-mail: ceciliabrazrib@yahoo.com.br

RESUMO

A pandemia do COVID-19 impulsionou novas reconfigurações no âmbito da organização pedagógica, da prática docente e em especial da instituição de ensino. Desse modo, para auxiliar os professores nos desafios vivenciados quanto à docência e ao enfrentamento da pandemia, buscamos por meio da implementação de projetos de extensão aproximar a universidade e a escola, promovendo o fortalecimento de vínculos e o desenvolver coletivamente atividades visando manter e fortalecer vínculos e criar vínculos e uma rede de apoio entre as professoras participantes do grupo de extensão. O projeto de extensão foi coordenado pelo grupo de pesquisa. Mediar, vinculado à UNIOESTE. Este pretendeu registrar relatos de professoras e estudantes de Pedagogia ao longo dos encontros remotos públicos entre junho e outubro de 2020, além de promover oficinas formativas acerca das temáticas que emanaram do grupo. Esse artigo organiza reflexões sobre a formação continuada via encontros remotos síncronas com temas agendados. Foram formados grupos de interesse por temáticas e agregaram 200 professores inscritos em

atuação nas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental majoritariamente da região oeste do Paraná. Neste artigo, relatamos a formação continuada, reafirmamos o papel da universidade como *locus* dessa formação, sintetizamos as temáticas escolhidas e analisamos as escutas produzidas nos grupos.

Palavras-chave: formação de professores, infância, alfabetização.

ABSTRACT

The pandemic of COVID-19 has driven new reconfigurations in the pedagogical organization, teaching practice and especially in the educational institution. Thus, in order to help teachers in the challenges they are experiencing as regards teaching and coping with the pandemic, we sought through the implementation of extension projects to bring the university and the school closer, promoting the strengthening of bonds and collectively developing activities aimed at maintaining and strengthening bonds and creating a support network among the teachers participating in the extension group. The extension project was coordinated by the Mediar research group, linked to UNIOESTE. This group intended to register reports from teachers and Pedagogy students during the public remote meetings between June and October 2020, in addition to promoting formative workshops about the themes that emanated from the group. This article organizes reflections on continuing education via synchronous remote meetings with scheduled themes. Interest groups were formed by themes and aggregated 200 registered teachers working in kindergarten and elementary schools, mostly in the western region of Paraná. In this article, we report on the continuing education, reaffirm the role of the university as the locus of this education, synthesize the chosen themes, and analyze the listening produced in the groups.

Keywords: teacher training, childhood, literacy.

1 INTRODUÇÃO

Foi sem aviso. A escola fechou. Foi quase sem aviso. A pandemia parecia distante. Não nos atingiria. Parecia que naquela distância onde uma cidade ficava em casa e hospital que iria ser construído em dez dias não chegaria a nós. De repente estava na Europa, os caixões amontoavam, mas não chegaria nós. Mas, chegou. E a escola fechou. A autoridade sanitária local anunciou: “escolas serão a primeira a fechar e a última a abrir”. Meados de março tínhamos a percepção que seria uma catástrofe densa e rápida como o romper de uma barragem, mas, devido ao próprio sucesso da contenção foi se tornando devagar e lenta. Assim, as escolas ficaram fechadas por 15 dias. Um recesso. Um mês. Tal como férias! Organizamos ensino remoto. Dois meses! Já tivemos greves maiores! Outro bimestre! Voltaremos em agosto! Não foi possível. Reabriremos em outubro! Não foi possível. Chegamos em novembro com as escolas fechadas! As perguntas mudaram! Manutenção do vínculo? Cuidados corporais e disciplina dos gestos? Conteúdo? Onde ficaram as crianças? Por quais espaços elas poderiam circular? Com quem? Como a fragilidade dos espaços públicos organizados para a infância se revelou? Como mantemos contato com as crianças? Quais as perguntas necessárias para compreendermos e

registrarmos a diversidade de modos de cuidar e educar crianças em uma pandemia longa? Como organizarmos os grupos de professores diante de tantas demandas para o atendimento?

Diante de tantas perguntas, desenvolvemos um projeto de extensão, que se tornou posteriormente uma ação permanente com temáticas advindas das necessidades dos professores da rede municipal, alunos dos cursos de pedagogia e comunidade externa vinculada ao grupo de pesquisa, ampliando assim a interlocução entre a universidade e os professores da educação básica. Para o projeto: “Infantilezas: infâncias e formação de professores na pandemia”, optamos por fazer a interlocução via sindicato de professores SINPREFI, na qual ficava tal instituição com a função de divulgação dos encontros remotos. Fez-se necessário rever e elencar as novas prioridades para pensar a educação no aspecto dos vínculos humanos que se estabelecem e não conteudista. Repensar a escola como uma verdadeira rede de apoio para as crianças, famílias e professores. Para atingir os objetivos propostos foram realizados encontros remotos, por meio da plataforma Google Meet, que possibilitou a realização de estudos teóricos, debates, rodas de conversa, escutas e troca de experiências.

1.1 PROCEDIMENTOS ADOTADOS

O método utilizado, foi o de pesquisa multifocal ou grupos focais, que, por sua vez, é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador (GONDIM, 2003).

Inicialmente foram elencadas perguntas que nortearam nossas atividades entre os membros do grupo de pesquisa mediar, e os participantes do projeto de extensão. Dentre as perguntas, destaca-se: Quais seriam nossas necessidades e perguntas no início do projeto? O que discutir? Manutenção do vínculo? Cuidados corporais e disciplina dos gestos? Conteúdo? Onde ficaram as crianças? Por quais espaços elas poderiam circular? Com quem? Como a fragilidade dos espaços públicos organizados para a infância se revelou? Como mantemos contato com as crianças? Quais as perguntas necessárias para compreendermos e registrarmos a diversidade de modos de cuidar e educar crianças em uma pandemia longa? Precisamos em primeiro lugar ouvir nossos pares, familiares e estudantes e em segundo lugar conversar e debater sobre as legislações, resoluções e deliberações. Após cada encontro fazíamos uma síntese das problemáticas abordadas e a partir delas nova temática para o encontro seguinte.

A Deliberação 01/2020 CEE-PR instituiu realização das atividades escolares em regime especial no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Paraná em decorrência da legislação específica sobre a pandemia causada pelo novo Coronavírus – COVID-19 e outras providências. A mesma também regulamenta e orienta as instituições em âmbito municipal e privado. Por meio

desta ficou instituído o ensino remoto, que por sua vez, não se caracteriza como ensino EAD, pois não é realizado por tutoria e nem ensino híbrido, por não combinar os elementos que caracterizam este tipo de ensino. O ensino remoto, ficou instituído, desde de 20 de março de 2020, período oficial de fechamento das escolas, ficando a cargo do professor elaborar suas aulas, garantir que o conteúdo fosse trabalhado, além de garantir segundo a referida deliberação o cumprimento das 800 horas letivas, estabelecidas pela LDBEN 9394/1996.

Diante dessa situação, essa pesquisa teve por objetivo mapear e registrar relatos de professoras e estudantes de Pedagogia ao longo dos encontros remotos públicos dos cursos de extensão da universidade. O principal procedimento foi na escuta ativa foi o registro durante uma atividade orientada por um tema guia ou uma pergunta guia nos encontros coletivos via plataforma Meet.

Nos encontros foram socializados angústias e anseios das professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental, que em meio a pandêmica tiveram que se reinventar, criar novas possibilidades e estratégias para manter o vínculo com seus alunos. Tais mudanças estão elencadas pelo art. 4º,

As atividades escolares não presenciais são aquelas utilizadas pelo professor da turma ou do componente curricular para a interação com o estudante por meio de orientações impressas, estudos dirigidos, quizzes, plataformas virtuais, correio eletrônico, redes sociais, chats, fóruns, diário eletrônico, videoaulas, audiochamadas, videochamadas e outras assemelhadas (CEE, Deliberação 01/2020).

Para atender os objetivos da extensão, da pesquisa e auxiliar as professoras, a metodologia do trabalho foi organizada a partir de roteiros de pergunta guia ou tema guia a cada encontro, por meio da qual, se conduzia o debate e a socialização das experiências, estes favoreceram a troca e fortalecimento de vínculos entre as acadêmicas e professoras tanto da rede pública e privada participantes do curso de extensão. Utilizamos o método de pesquisa multifocal ou grupos focais, que, por sua vez, é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador (GONDIM, 2003).

Ao longo dos encontros remotos públicos dos cursos de extensão da universidade, o principal procedimento foi a escuta ativa nas reuniões orientadas por um tema guia ou uma pergunta guia nos encontros coletivos via plataforma meet. Foram 18 encontros, um projeto com carga horária de 100 horas. As temáticas trabalhadas estão listadas na tabela 1.

Tabela 1: Temáticas trabalhadas no projeto: “Infâncias, infanilezas e educação pandêmica”

1. Infâncias, Infanilezas e a educação Pandêmica: o que sabemos sobre as crianças?
2. Lugares da infância e do brincar na Pandemia: quais espaços tempos sugerir e usar?
3. Como falar sobre o adoecer e o proteger-se com crianças e meus alunos?
4. Como narrar sobre o morrer e o luto com as crianças?
5. A literatura infantil em tempos de pandemia. Quais títulos temos sobre o morrer?
6. Saudades, consolo e cuidado! Qual literatura pode ajudar a compor as aulas remotas?
7. Quais as responsabilidades legais das instituições para com seus funcionários e estudantes em tempos de covid?
8. Práticas Lúdicas Experimentais: Ensino e entretenimento na Pandemia.
9. Implicações das Avaliações em Larga Escala nas Práticas Pedagógicas.
10. Desafios das Mulheres na Pandemia: onde estamos e o que estamos fazendo?
11. Pesquisa em Educação e os desafios de documentar os processos com crianças, professoras e gestores: quais práticas para registrar mini-histórias estão divulgadas?
12. Tanatologia, psicologia e a ansiedade de ser docente em uma pandemia.
13. A criança com necessidades educacionais especiais na pandemia: o que temos receio?
14. Tanatologia, Psicologia e o não adoecer docente.
15. Atendimento à infância em alta vulnerabilidade: como podemos atuar?
16. A origem do universo à formação geológica das Cataratas. Estratégias metodológicas
17. Tanatologia, Psicologia e saúde mental dos profissionais da educação em pandemia.
18. A estrutura lógico matemático do pensamento infantil e possibilidades de orientação dos familiares.

Fonte: Autoras (2021)

Trabalhamos um tema por noite, estes foram conduzidos pelos participantes, que se propuseram voluntariamente, logo organizamos o cronograma, e as reuniões foram conduzidas com os pesquisadores responsáveis pelo projeto.

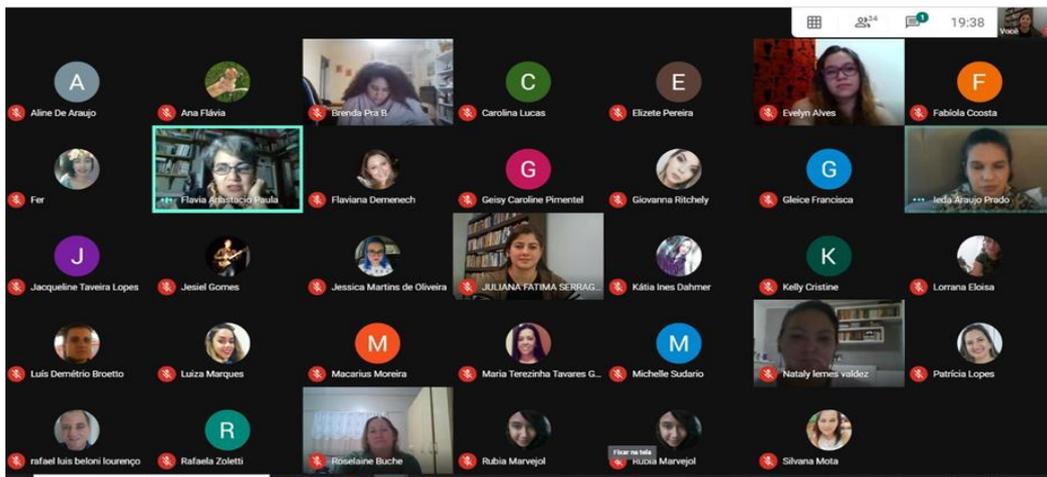
Para a realização das ações dos grupos de extensão foi necessário repensar a organização do tempo e espaço, bem como refletir acerca das rotinas, desempenho dos alunos, registros das atividades, sendo esse um grande desafio. A reconfiguração do tempo e espaço de aprendizagem, nas palavras de Cunha é “compreendido como elementos que aprisionam ou libertam os processos de ensinar e aprender da regulação do currículo tradicional e os conhecimentos e saberes que constituem a formação dos estudantes” (2001, p. 114). Ao realizar essa reconfiguração, os professores apontam experiências e aprendizagens significativas, que se

distanciam das divisões tradicionais do tempo, espaço e currículo. Já que este é um espaço regulado pelo trânsito entre a sala de aula, agora virtual, e os campos de prática, da pesquisa e da interação tecida ao longo das atividades remotas, das reuniões realizadas no ano pandêmico de 2020.

A população diretamente beneficiada foi de 200 docentes da Educação Básica, mas também alunos da graduação em Pedagogia tanto da Unioeste quanto de outras instituições e indiretamente beneficiaram os estudantes da aldeia Ocoy e os demais estudantes através das atividades pedagógicas e artefatos produzidos pelos docentes.

2 RESULTADOS

Sobre e através de nossos encontros, fomos socializando as dificuldades dos estudantes. Alguns precisavam de alimentos, outros de produtos de higiene, outros de serem ouvidos, outros de encaminhamento psicológico, outros de aprender sobre essa e aquela área.



Fonte: Autoras (2021)

Sintetizamos aqui algumas das mais frequentes situações sobre as infâncias:

a) Conectado dia e noite: aulas on-line, pesquisa, ouvir áudios por meio da plataforma de WhatsApp, assistir os vídeos de história, os vídeos explicativos, acompanhar os encontros com a professora no Meet de tela fechada e áudio fechado; mostrando que precisávamos de alternativas.

b) Participar com os familiares do trabalho laboral: ir com a mãe para o trabalho dela, ir para a oficina com o pai, ficar junto nos fundos do comércio; ficar juntos dos familiares que estão em home-office. Mostrando-nos que precisávamos orientar os familiares a aproveitarem tal situação.

c) Dificuldade da família em acompanhar as atividades enviadas pela professora, retiradas na escola, para cumprir as atividades curriculares organizadas pelo cronograma letivo de reposição. Falta de segurança e assistência para criança quando aos espaços de cuidado, aumento do abuso sexual, e falta de assistência da instituição que auxilia na proteção do mesmo, que por vezes o espaço escolar. Mostrando que precisávamos gerar interlocução e mediação por outros canais.

e) Em isolamento privado, crianças entediadas, sofrendo crises de ansiedade, pela falta de paciência dos pais, punição, castigo, falta de interação com outras crianças, acarretando atrasos no processo de desenvolvimento da criança. Mostrando que precisávamos produzir atividades que orientassem ludicamente os familiares.

f) Organizar ações de solidariedade entre docentes, núcleo regional de educação de Foz do Iguaçu e população para atendimento dos mais estudantes mais vulneráveis, como foi o caso junto a escola da aldeia Ocoy.

g) Falta de recursos tecnológicos, questões de ordem socioeconômica e emocional das nossas crianças e famílias para acompanhar as atividades remotas, ou mesmo manter o vínculo com a instituição escolar. Mostrando que precisávamos produzir acesso aos dispositivos eletrônicos, tecnológicos ou impressos.

h) Emoções, dilemas e angústias, desejo de mudar de profissão, sofrimentos cotidianos.

A lista ilustra, os debates realizados nos encontros organizados no período de junho a outubro, e perduram como o projeto de extensão, a fim de auxiliar as professoras no desenvolvimento das atividades pedagógicas, refletir sobre a importância do professor no processo de acolhimento das crianças e famílias em meio a pandemia, e principalmente na condução do processo pedagógico, analisando e adaptando as atividades escolas a realidade a qual a comunidade atendida pertence.

As atividades também contemplaram estudos e aprofundamentos teóricos, leitura e análise das legislações que foram sendo publicadas ao longo do período remoto, a fim de refletir acerca das mudanças impostas pelo momento pandêmico, e compreender de que forma os professores podem contribuir para o desenvolvimento das crianças mesmo a distância. O grupo possui um grupo de WhatsApp, que se mantém ativo, por meio do qual acontecem as aproximações, escuta, debates e diálogos que ocorrem diariamente, conforme novas demandas são listadas pelas professoras em atuação do setor público e privado e pedagogas em formação.

2.1 DESAFIOS DO ENSINO REMOTO

A pandemia do COVID-19 enfrentada atualmente impactou fortemente os sistemas educacionais em âmbito mundial, fez emergir novas formas de organização e adaptações emergenciais no trabalho pedagógico, em especial nas práticas pedagógica dos professores.

Portões fechados e alunos distantes das salas de aulas. Esse cenário ocorreu com milhares de escolas e em diversos países. Chegou o ensino remoto emergencial. E agora? Como fazer? Como alfabetizar? Como desenvolver a linguagem escrita e a produção de texto distante? Como ensinar e aprender? É possível? Essas foram algumas das perguntas que direcionaram e preocuparam os professores. Na verdade, ainda preocupam os professores.

Nenhum sistema ou rede de ensino estava preparado para realizar as chamadas atividades remotas emergenciais, exigindo um complexo repensar das questões pedagógicas, uma vez que estamos agindo sobre um novo contexto. Tais questões envolvem a infraestrutura das escolas, condições sociais e de saúde de toda comunidade escolar, adaptações das atividades de modo a olhar para as especificidades da comunidade escolar.

A pesquisa realizada pela Rede Gestrado, no relatório: “*Trabalho Docente em Tempos de Pandemia*”, correspondentes dos 27 estados brasileiros, apresenta que apenas 28,9% dos respondentes possuíam facilidade na utilização de recursos tecnológicos. Demonstra-se a necessidade de formação continuada não apenas quanto ao uso dos recursos, mas quanto às organizações das atividades a fim de atender alunos de diferentes etapas de ensino. Outra questão para além do uso das tecnologias, está o acesso à internet e às condições de acesso à informação pelos alunos e familiares, visto que apenas 31% dos respondentes afirmaram ter preparo para realizar as atividades utilizando recursos digitais. Assim, a opção para atender os alunos, por grande parte das redes de ensino, se efetivou por meio de Grupos de WhatsApp, aproximando docentes das famílias e alunos, bem como por atividades impressas, retiradas quinzenalmente nas instituições escolares, no mesmo dia em que o kit alimentação é retirado.

Essa realidade não foi apenas para a educação básica, mas à todas as modalidades de ensino, como também para os participantes do grupo de extensão. Os professores necessitaram adaptar suas práticas pedagógicas para atender seus alunos na modalidade remota emergencial, seja nas situações on-line ou apostiladas, mas muito eram os desafios e desconhecimento, em especial para uso dos meios e aplicativos tecnológicos.

Com o tempo pandêmico do novo coronavírus, o ensino a distância¹ (virtual ou apostilado) pegou todos de surpresa. Escolas, professores, famílias e crianças precisaram se

¹ Cabe salientar que essa nova perspectiva de ensino remoto emergencial não é a mesma perspectiva de educação à distância, que estrutura e organização direcionada para esse aspecto.

movimentar e se adaptar com rapidez para dar prosseguimento ao processo de ensino e aprendizagem, pois a “educação não pode parar! ”. Apenas uma frase, mas com uma carga cultural, histórica, política e social enorme. Desde o início da pandemia essa frase é recorrente na mídia, na fala de governantes, secretários de educação e pessoas populares. Porém, o que poucas pessoas sabem é o peso cultural, histórico e social que ela carrega.

Muitos apontam que o professor é aquele que ensina apenas uma ciência, transmite um conhecimento e ensina a matéria de estudo da melhor forma possível ao aluno, e que a estrutura responsável pela missão educativa se encontra nos ombros do professor. Contudo, ser professor não se resume apenas a isso. Professor é uma das profissões mais antigas, desde antes da concretização da Instituição Escolar, já havia o papel do pedagogo que orientava a criança, ou seja, conduzia a criança ao ensino, ao saber. Roseli Aparecida Cação Fontana (2000, p. 43) sintetiza a construção do ser professor, no qual [...] foi se construindo na experiência cotidiana, pelas práticas que expressaram interesses, vontades, valores, sentimentos diversos, materializando o conflito e a diferenciação interna da categoria nas condições dadas [...]”. E não foi diferente nessa realidade pandêmica.

Os professores foram constantemente se adaptaram, buscaram alternativas para estar próximo ao seu aluno, como por exemplo utilizando tecnologias digitais. Por intermédio de ferramentas de mediação interativa, a exemplo o Google Classroom como ambiente de mediação, o Google Meet e WhatsApp como ferramenta de comunicação por vídeo conferência. Utilizou-se também a gamificação e narrativas para ajudar nesse processo.

Ser professor é encaixar no tempo e no espaço, viver a contemporaneidade respeitando a história individual e o contexto sociocultural de cada um, caminhar para seu objetivo maior, uma educação de qualidade, comprometendo-se com a sociedade de amanhã, uma sociedade mais justa, crítica, uma sociedade que tenha garantido seus direitos e deveres. Não só ensinar, mas também aprender e criar junto com o aluno, refletir, lutar por uma transformação social e cultura, uma educação que faça a diferença ao cidadão. E foi o que aconteceu no período pandêmico.

No processo de construção do conhecimento amadurecemos com os nossos sofrimentos, mas também com as alegrias das descobertas que vamos fazendo de nós mesmos, do mundo e dos outros. Uma tarefa realizada não pode, de modo algum, gerar acomodação. Ao contrário, deve gerar uma desinstalação, um choque no real, que seja capaz de impulsionar-nos para além de onde chegamos. Isto porque o conhecimento que acomoda não é conhecimento no sentido filosófico, mas alienação e ideologia. Se o conhecimento não nos desinstalar da poltrona confortável da acomodação irrefletida, não é digno deste nome. O sentido último do conhecimento que nos dignifica como sujeitos é justamente a desinstalação e o espanto que

lançam cada ser humano, em particular, na direção de outros significados que transformam nosso modo de ser no mundo (GHEDIN, 2005, p. 142-143).

Percebemos esse processo de construção do conhecimento dos professores em seus relatos, nos encontros do grupo de extensão, sobre suas práticas pedagógicas emergenciais que estavam conseguindo desenvolver com atividades planejadas, sequenciada e sistematizadas que produziram bons frutos. Não foi nada fácil, as dificuldades foram imensas, mas uma rede de apoio se constituiu, o que possibilitou esse desenvolvimento em conjunto.

Alguns princípios que nortearam as práticas pedagógicas e os planejamentos dos professores, primeiramente, foi respeitar as especificidades da criança e da família, tomando como eixo norteador as interações, as brincadeiras e os desenvolvimentos das linguagens, mesmo de forma remota. As professoras produziram vídeos interativos, jogos e atividades pedagógicas impressas e digitais, entre outros materiais didáticos pedagógicos.

No entanto, vale ressaltar que as situações que a envolvem, ensino remoto emergencial ou presencial, exige metodologias diferenciadas, como também “conhecimentos variados de diferentes graus de complexidade e capacidades múltiplas. Exigem, ainda, investimento de tempo e de esforço cognitivo variados” (LEAL; MELO, 2007, p. 13). No entanto, não cabe apenas ao professor toda essa carga e demanda. Não somos super-heróis, somos profissionais da educação que merecem respeito e um local de trabalho de qualidade, com materiais e suportes tecnológicos e pedagógicos. A educação merece um real investimento.

2.2 FORMAÇÃO DE PROFESSORES, AFETOS E PANDEMIA

Assumimos que produzir escutas e palavras era um trabalho necessário. E assim, nos colocamos ao ouvir, ao registrar, ao ajudar a elaborar. m momento em específico no qual o campo teórico dos afetos na Pandemia Covid19 foi a base para a exposição didática de leituras e conhecimentos dos professores coordenadores. Neste sentido, a seguir destacaremos o conteúdo mais em específico acerca dos afetos e sua fragilidade, os contornos sociais e políticos que esboçam o quadro atual da pandemia, sob a ótica de autores como Dunker (2020) e Zizek (2020).

Falar sobre os afetos na pandemia atual tornou-se tema recorrente de muitas exposições digitais de profissionais renomados ou não; muitos destes resguardados em seus ambientes de trabalho nunca haviam tido tanta visibilidade... nem para nós e nem para eles. Educadores, médicos, psicanalistas dentre muitos outros profissionais vieram expor seus saberes e nós, aproveitamos ávidos muitos desses momentos!

Embora nossa ansiedade não estivesse sendo muito tratada, sentimos...vivenciamos com um estranhamento próprio do ineditismo que essa situação nos tomou. Ansiedade, importante

lembrar, é algo que nos leva a pensar o futuro, como vamos lidar com o que nos espera, qual nosso destino? Se nossos sentimentos são respostas dos nossos afetos, como podemos nomear os sentimentos que nos encarnam no cenário atual da Covid 19? Por isso, fizemos três encontros sobre tanatologia.

Ansiedade e angústia diante da incerteza, o medo de viver vários lutos, a raiva de não poder tantas coisas as quais estávamos acostumados, a repulsa ao contato pelo risco do contágio, hábitos totalmente novos e ainda assim inseguros, a vergonha de expor sua face agora mascarada, enfim muitos são os sentimentos vivenciados nessa pandemia. Acerca da angústia, vale dizer que se a repressão como defesa da angústia não se faz, passamos a ter somatizações e, piora dos quadros fóbicos ou obsessivos. Paradoxalmente, angústia como dor da psique e somatização como dor física nos colocam diante da possibilidade de escolhermos qual a mais difícil de atravessar.

Nos lembra Dunker (2020), importante pensar nesses tempos sobre a solidão, sentimento de abandono que afeta, a exemplo o autor refere-se ao professor deprimido por sentir que foi abandonado no seu desejo profissional, de prosseguir com seu trabalho, impedimento difícil de elaboração diante de tantas incertas maneiras de lidar com esse novo. Por vezes o enfrentamento ou a passividade vão tomando conta dos sujeitos assujeitados de suas identidades. Sofrimento por não ocupar seu lugar de fala, lugar visível, e de acolhimento cultural. Politicamente o cenário é ainda pior do que o de um vírus desconhecido que pode trazer certa hora a vacina e resolver essa ameaça viral dotando-nos de imunidade, embora nosso (des) governo não nos traz acolhimento e segurança em nenhum âmbito.

O professor já estava exaurido das demandas de ocupar-se de um não-lugar, muitas outras gestões políticas já infringiram sentimentos de desvalia e cobrança de produtividade. E agora, o que pensar quando o mesmo ocorre diante de uma pandemia em todo o planeta. A Escola, é fato, vai ter que encontrar outros caminhos, modificar tempos e espaços (DUNKER, 2020).

O encontro das crianças no recreio, a socialização com os pequenos na Educação Infantil, professores e alunos estão tendo que se haver com uma (des) ordem desconhecida, regrada, repleta de limites para no mínimo garantir sobrevivência vital. Aprendizado, conhecimento e desenvolvimento talvez estejam em suspenso... Todos professores que ouvimos dizem: “estamos trabalhando muito mais!”. “Trabalho e espaço doméstico se tornaram um só ambiente”, “mães, pais e professores se veem mais sobrecarregados, ameaçados em suas vidas, em seus desejos e na estabilidade que por vez viviam antes da pandemia”. Muitos perderam além do que estamos apontando, também seus salários ou rendas que mantinham seus gastos consigo e seus familiares.

A miséria humana aumentou. Como refere Dunker (2020), o vírus nos coloca diante do afastamento, do não contato, da falta...ou ficamos de prontidão armados ou colocamos a culpa no outro, e então pensamos o Coronavírus como uma coroa de espinhos, e nos perguntamos: o que fizemos para merecer isso? Vivemos uma situação inédita de mudança, da angústia ao luto, da mistura sem discernimento do espaço doméstico e do trabalho, da escola dos filhos, e ao se mesclarem, os espaços passam a ser não mais identitários e as pessoas o reflexo dessa nova ordem melancólica e caótica. Difícil ter que dizer para si e para os outros: “vamos viver uma metamorfose, social, escolar, enfim...temos que reinventar novos modos de agir, novas formas de olhar para o outro e para nós mesmos”.

Segundo Zizek (2020), a vida social não se encontra paralisada por estarmos tendo que obedecer a regras de isolamento social e quarentena – nesses tempos de aparente paralisia, as coisas estão mudando radicalmente. A rejeição ao lockdown é de fato uma rejeição à mudança. E de que mudança se trata, quando ainda não sabemos ao certo como estamos atravessando tudo isso e como isso nos atravessa. A Pandemia é um estado de guerra, de medo, transtorno, desordem...como fazemos para nos alinhar de novo ou criar novos modos de vida? O Retorno às aulas presenciais ou via plataformas virtuais irá exigir de todos consciência e mudança, pode-se ficar tudo no provisório por um bom tempo, fragmentado, sem toque físico numa mistura de afetos. O que pudemos até agora subtrair disso tudo como algo bom? Para além da dimensão espacial com isolamentos, distanciamento e fechamentos, temos também uma dimensão temporal.

Para Zizek (2020) a epidemia é em larga medida lida através das lentes de Chronós ou Aion como um evento no curso linear das coisas, como um momento ruim, o qual cedo ou tarde será convertido. O que se espera nessa perspectiva também é que a pandemia siga a lógica de Kairós: uma catástrofe que nos impelirá a encontrar um novo começo.

Entendemos que a lógica Kairológica é aquela dos elos, dos nós, do arco, do equilíbrio e do momento oportuno. A lógica kairológica faz laços. Tanto como analogia e figura de linguagem para a representação quanto laços afetivos. Uma não contagem do tempo e da temporalidade, um sentir a sua intensidade. Quem foi golpeado nessa pandemia é a contagem linear e sequencial do tecer espaço/tempo cronológico, mas não o bordar kairológico. O kairológico nos faz perceber o momento oportuno de agir, ou no qual perdemos o momento oportuno do agir. Nossos autores não são muito otimistas e nos indicam que se não formos capazes de inventarmos um novo modo de vida social, não será apenas pior o que virá, mas muito pior. Segundo o autor acima a hipótese é de que a pandemia da covid19 anuncia uma nova época em que se deve repensar tudo, até

mesmo o fundamento do que é ser humano, e aquilo que fazemos precisa estar de acordo com o que pensamos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos o quanto as atividades realizadas pelos grupos de extensão são importantes ações que contemplam a formação continuada dos professores, fortalecimento de vínculos entre professores de diferentes instituições de ensino, troca de experiências e possibilidades que nos possibilitam refletir sobre a importância do professor no processo de mediação do conhecimento pedagógico, bem como sobre a função social da escola, principalmente no momento vivenciado pela pandemia do COVID-19, sendo essa uma experiência nunca antes vivida. Consolida-se a percepção da necessidade do trabalho conjunto de professores em atuação e professoras em formação.

A importância da compreensão da necessidade de onde estão as crianças, como está sendo a interação com as famílias, o que elas fazem e que chegam ao ouvido das professoras e assim produzir escutas, produzir palavras, organizar e elaborar sentidos para uma ação. Os resultados descritos mostram uma diversidade de locais privados e pouquíssimos públicos. A conclusão provisória é que necessitamos repensar a sociedade adultocêntrica e os espaços públicos e equipamentos para as infâncias. O grupo de professoras atendidas decidiu abrir nova CR para a continuidade do projeto, passando a se denominar Alfaletando e assim as ações serão para outros municípios do oeste do Paraná.

REFERÊNCIAS

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes**. (Pandemia Capital) eBook Kindle, 2020.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LEAL, Telma Ferraz; MELO, Kátia Leal Reis de. Produção de textos: introdução ao tema. In.: LEAL, Telma Ferraz Leal; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (orgs.). **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 29-44.

UFMG. GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Base de Dados. Docência na Educação Básica em tempo de pandemia**. Belo Horizonte, UFMG, 2020.

PARANÁ. **Deliberação CEE/CP N ° 01/2020**. Instituição de regime especial para o desenvolvimento das atividades escolares no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Paraná em decorrência da legislação específica sobre a pandemia causada pelo novo Coronavírus – COVID-19 e outras providências. Conselho Estadual de Educação: Curitiba, 2020.

_____. **Deliberação CEE/CP N ° 02/2020**. Requerimento apresentado ao Conselho Estadual de Educação do Paraná para a revisão da redação do artigo 2.º da Deliberação CEE/CP n.º 01/2020 para permitir que o regime especial instituído por essa norma possa ser exercido pelas instituições de ensino que ofertam a Educação Infantil. Conselho Estadual de Educação: Curitiba, 2020.

_____. **Deliberação CEE/CP N ° 05/2020**. Normas para o retorno das aulas presenciais no Sistema Estadual de Ensino do Paraná, no ano letivo de 2020. Conselho Estadual de Educação: Curitiba, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. A dialética paralisada da pandemia. In: Blog da Boitempo. 20 de julho, 2020.
GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais Como Técnica De Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos**. Universidade Federal da Bahia: Paidéia, 2003, 12(24), 149-16.